

TIAGO MARQUES ENTRE OS SALESIANOS: ESTRATÉGIAS DE PROTAGONISMO¹

Carla Fabiana Costa Calarge (UFGD/Dourados, MS, Brasil)

Resumo: O objetivo desta comunicação é analisar a emergência do índio bororo Akirio Kejewu, conhecido na literatura antropológica como Tiago Marques, em meio a presença missionária salesiana na região do atual Mato Grosso a partir de 1894. Os salesianos produziram uma extensa bibliografia, tanto de trabalhos catedráticos, como relatos do que era desenvolvido nas missões e Tiago é apontado como um dos grandes interlocutores dos missionários. Na pesquisa, parte da tese doutoral da autora, surgem outras impressões que rompem com essencialização da filosofia salesiana em sua prática. Analisamos a interação entre os missionários e os jovens meninos indígenas que foram acolhidos nas missões. Akirio, que mais tarde seria conhecido como professor Tiago Marques Aipobureu, nasceu por volta de 1898 e faleceu em 1958. Era do clã *Bokodori*, metade *Ecerae*, e é considerado pelos salesianos um dos maiores interlocutores da cultura bororo, mas não colaborou apenas com os missionários. Nos documentos ele é representado tanto como uma figura de resistência como um exemplo de “assimilação”. Herbert Baldus que esteve entre os bororo na década de 1930, faz um “diagnóstico” das consequências da justaposição do cristianismo e da religião tradicional a partir do caso de Tiago Marques Aipobureu. O mesmo caso de “bororo marginal” é discutido por Florestan Fernandes posteriormente, em 1945. As nuances dessa trajetória de vida e o protagonismo assumido por Tiago após o período inicial de educação, assumindo o papel de interlocutor ativo da produção sobre esse povo, são as problemáticas da pesquisa. Apesar das evidentes contradições, o que se observa é que existe um espaço de troca, em que os sujeitos colonizados assumem papel ativo e reelaboram diferenças étnicas, ainda que o contexto seja hierarquicamente desigual para os indígenas. Essa breve comunicação evidencia a condição de excepcionalidade de Akirio em relação aos demais indígenas bororo com que os salesianos mantiveram contato, mas também chama a atenção para outros interlocutores indígenas que emergem no contexto.

Palavras chave: história indígena, povo bororo, missionários salesianos

INTRODUÇÃO

No final do século XIX, na região leste do atual Estado do Mato Grosso, parte do povo bororo viu sua relativa estabilidade territorial ser perturbada. Tanto as iniciativas governamentais de “civilização” dos índios como as alternativas buscadas pelos

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

colonizadores em relação às rotas tradicionais de chegada a Cuiabá, impactaram diretamente a região da Aldeia *Kiegeri Bororo*². Simultaneamente, os missionários salesianos decidem inaugurar por conta própria um empreendimento missionário ao sul da região, próximos da linha telegráfica, mas distantes das demais colônias já fundadas a Oeste pelos militares e pelo Governo.

Desse encontro, entre salesianos e povo bororo, se desencadeia uma série de eventos que diversifica a relação dessa etnia com o colonizador. Só mais recentemente, surgem os estudos que se dedicam a lançar um olhar aproximado da relação estabelecida entre esses atores, especialmente, revisitando as estratégias entre os dois grupos. Além disso, é preciso dar visibilidade a outros sujeitos, no caso indígenas, muitas vezes omitidos da documentação, mas que contribuíram efetivamente para o trabalho desenvolvido pelos colonizadores, atuando principalmente como interlocutores.

No sentido de resolver essa problemática e partindo da hipótese de que as relações estabelecidas pelos sujeitos eram muito mais marcadas por dilemas e conflitos que a bibliografia clássica nos permite apreender, o objetivo deste trabalho é analisar a emergência do índio bororo Akirio Kejewu, conhecido na literatura antropológica como Tiago Marques, em meio a presença missionária salesiana na região do atual Mato Grosso a partir de 1894.

Tiago foi consagrado pelas pesquisas de Herbert Baldus que esteve em Meruri e Sangradouro na década de 1930, região de assentamento dos bororo e das missões salesianas. Em seu trabalho “Ensaio de Etnologia Brasileira”, analisa as consequências da justaposição do cristianismo e da religião tradicional a partir do caso de Tiago Marques Aipobureu³, conhecido entre os salesianos como Akirio Aipobureu. O problema da aculturação, marca do período é depois aprofundado por Florestan Fernandes que vai discutir Tiago como um “bororo marginal” em 1945⁴.

A questão da essencialização dos povos indígenas têm sido problematizada a partir de sua intersecção de vários campos do saber, tais como a Antropologia e a História.

² A localização relativa da antiga aldeia pode ser confirmada pela descrição biográfica de Akirio na Enciclopédia Bororo (ALBISSETTI e VENTURELLI, 1962, p. 0.14 e 820) e a plotagem de Barros e Bordignon (2003, p. 33). Mais especificamente, a localidade anteriormente chamada “Salto-da-Fumaça” é hoje conhecida como Cachoeira da Fumaça, no rio das Mortes, no município Novo São Joaquim, no Mato Grosso.

³ BALDUS, 1979

⁴ FERNANDES, 2007

Por muito tempo, mesmo a educação religiosa, principalmente junto aos indígenas, foi duramente criticada, seja pela educação ocidental oferecida as crianças ou pelo ritmo de trabalho na fazenda, na roça, como tecelões, entre outros. O que poucas pessoas questionam é como esses indígenas negociavam a sua permanência na missão visto que, de um modo ou de outro, mantêm sua identidade e relações.

Os salesianos produziram uma extensa bibliografia, que abrange trabalhos catedráticos, relatos do que era desenvolvido nas missões, dicionários, a Revista Matto-Grosso, entre outros. O principal documento que utilizo neste estudo são os Bolletinos Salesianos, publicados mensalmente em italiano desde agosto de 1877, em que constam muitas “cartas-relatório” dos primeiros anos da presença salesiana nas Américas. A partir dessa base documental foi possível analisar cronologicamente outros materiais tanto sobre a presença salesiana no Brasil, como especificamente no Mato Grosso, bem como a relação com os indígenas, escolhas de abordagem, cotidiano das casas salesianas e sobre o modelo educacional empregado.

Na pesquisa, ainda em andamento, emergem impressões que evidenciam um rompimento parcial dos missionários com a filosofia salesiana, principalmente em sua prática. Apesar da juventude dos meninos, a interação com os missionários, evidencia estratégias de marcação dessa diferença no processo relacional, é a proximidade que permite que as estratégias de resistência garantam a permanência dos sujeitos naquele contexto.

SALESIANOS E ÍNDIOS NA MISSÃO DOS TACHOS

Em janeiro de 1902, o Padre Bálzola funda, há alguns quilômetros da linha telegráfica da Vila Paredão, a Missão de Tachos ou Sagrado Coração de Jesus, distante aproximadamente 350 quilômetros a leste de Cuiabá. O salesiano, que havia sido assessor particular do principal idealizador das obras no Brasil, o Padre Luiz Lasagna⁵, já conhecia a região e os bororo⁶ e optou, em conjunto com os superiores por uma mudança de

⁵ O Padre Luiz Lasagna faleceu em um trágico acidente em 1985, um ano depois de fundar as primeiras obras em Cuiabá (CASTRO, 2014).

⁶ O Padre Bálzola foi o primeiro diretor salesiano na Missão Tereza Cristina, que foi assumida pelos religiosos a pedido do Governador do Estado Mato Grosso na época, Manuel José Murтинho.

abordagem em relação ao grupo (CASTRO, 2014).

Os salesianos se instalaram, e ficaram aproximadamente 8 meses esperando a primeira abordagem dos indígenas. Os Bororo costumam contar que se mantiveram observando os salesianos, mas o clima na região era de tensão. Quando Padre Bálzola chegou, um fazendeiro e sua família haviam sofrido há poucos dias uma investida violenta dos índios. Mas, normalmente a violência indígena vinha como resposta. Os colonizadores, tinham como prática perseguir e matar os indígenas, obrigando os grupos a se refugiarem na floresta.

Apesar de contraditório, a administração religiosa proporcionou um espaço pacífico a algumas das aldeias bororo que estavam no entorno e de certa maneira assegurou parte do que é hoje seu território. A Missão comprou do Estado vários títulos de terras para dar continuidade às suas obras e reservar o espaço dos indígenas. Mais ainda, viabilizou o registro do extenso repertório cultural bororo nas obras que serviam tanto para divulgação do trabalho missionário como para arrecadação de verbas de manutenção dos projetos.

Mas, essa proximidade foi marcada por profundas mudanças no modo de vida tradicional dos bororo. Uma das mais recorrentes críticas aos salesianos é a mudança da arquitetura original da aldeia, antes circular, e a destituição da casa central, a “casa dos homens” ou *bai mana gejewu*, que é o centro da vida ritual bororo e núcleo que concentra a formação de novas gerações masculinas. Os meninos e meninas passaram a ser acolhidos nos internatos, submetidos a aulas de alfabetização em português, leitura, oficinas, ensino de música e a catequização (VIERTLER, 1990).

Catequizar, nesse caso, significava “civilizar”, ou seja, convencê-los do modo de vida do colonizador, forçando-os a abandonar sua cultura tradicional e adaptando-os ao trabalho. Havia uma concordância entre os pensadores da época quanto as teorias do progresso humano. A perda da autonomia e a destruição da identidade dos povos indígenas seriam inevitáveis diante do contato com o “civilizado” e os grupos “primitivos” eventualmente acabariam assimilados na sociedade envolvente (e civilizada).

O modelo educacional proposto pela pedagogia idealizada por Dom Bosco, o chamado Sistema Preventivo (em oposição ao sistema punitivo), era baseado em práticas de disciplina consciente, permitiam ao educando a realização de passeios, a prática de

esportes, o contato com a música e o teatro, entre outras atividades lúdicas, desde que o jovem não se comportasse de forma contrária a doutrina católica e aos seus dogmas. “Com os internatos suprimia-se a promiscuidade doméstica dos mais pobres; com as escolas de artes e ofícios garantia-se uma profissão; com os oratórios festivos ofereciam-se atividades para o tempo livre.” (MONTERO, 2007, p. 50).

A metodologia está bem representada em três biografias escritas para os jovens do Oratório por Dom Bosco. O modelo se diferencia no cotidiano, tradições nas casas salesianas que serão reproduzidas nas novas instalações no Brasil e, em especial, nas Missões indígenas: a missa matutina, o período de aulas, os discursos do “bom dia” e da “boa noite”, a proximidade entre salesianos e os jovens, festas e outras celebrações. Na prática, os salesianos testaram o Sistema Preventivo entre os jovens bororo, reforçando seus projetos socioculturais. Mas, de que maneira os meninos interagiram com esse modelo?

Os movimentos de identidade e pertencimento se comprovam na prática social e no contato com o outro, bem como no reconhecimento da diversidade do outro. Em outras palavras, é na fronteira entre dois grupos sociais que os elementos diacríticos aparecem. Fredrik Barth (2000), em seu “Grupos Étnicos e Suas Fronteiras”, define grupo étnico “como um tipo organizacional, onde uma sociedade se utilizava de diferenças culturais para fabricar e refabricar sua individualidade diante de outras com que estava em um processo de interação social permanente” (PACHECO DE OLIVEIRA, 1998, p. 55).

Outros avanços teóricos do autor nos mostram que conceito de “grupo étnico” não deve ser tomado de forma essencialista, definido a partir de uma única raça, cultura ou língua. Barth fala da possibilidade de mudança de identidade étnica circunstancial, relacionada as estratégias do grupo e extrapola a ideia de que o grupo étnico seria um todo fechado e critica a perspectiva de “perda cultural”, visto que não são as relações entre os grupos que levam a destruição dos mesmos (BARTH, 2000, p.26).

OS MENINOS E A BANDA DE MÚSICA

O trabalho missionário salesiano se consolida e as missões demandavam recursos financeiros. Os jovens bororo eram a prova dos resultados missionários, por isso, sempre eram também utilizados como referência de sucesso. É interessante observar que as

fontes, a partir de determinado momento, não numeram mais as famílias presentes nas aldeias, mas as crianças, que eram o foco de interesse da educação missionária.

Em 1906, o Pe. Antonio Malan⁷, vai a Europa, para buscar auxílio para os empreendimentos salesianos no Brasil. O missionário leva o filho do “Capitão Major” Meriri Otodúia, batizado Miguel Magone. O jovem foi exaltado, principalmente no que concerne a sua devoção e “civilização”. O menino, assíduo entre os salesianos, parece ter sido o responsável por iniciar o junto ao Pe. José Pessina a transcrição do Bororo para o Português e a exercitar os primeiros significados para um vocabulário, conforme indicam as fontes.

O assistente do Pe. Pessina era o Pe. César Albisetti, autor da Enciclopédia Bororo e que aprofundou o trabalho do superior depois de sua morte. Na mesma época, mas o Pe. Colbacchini, outro missionário já registrava extensamente a cultura bororo e continuou essa documentação para resultar no que é hoje uma das maiores obras etnográficas já publicadas (CASTRO, 2014).

Os trabalhos na missão se articulavam em várias frentes: as aulas e a catequese com os jovens, os trabalhos de lavoura e colheita, trabalhos de transformação (ex. produção de açúcar e rapadura), cuidado com os animais. Além disso, os salesianos documentavam o que podiam da cultura e divulgavam o trabalho a fim de obter recursos de doações, sempre em conjunto com seus interlocutores. Uma breve pesquisa pelos Boletins Salesianos em português ou em italiano evidenciam isso, muitas cartas foram publicadas com notícias e detalhes do trabalho.

Ainda com a intenção de divulgar os trabalhos missionários, em junho de 1908 o Pe. Malan que decide levar a banda de música dos jovens bororo a um roteiro de apresentações pelo Brasil, passando pela Argentina e o Uruguai, culminando na grande Exposição Nacional que acontecia no Rio de Janeiro comemorando o centenário da abertura dos portos e a chegada de Dom João VI em 1808. O trajeto da Banda de Música da Missão dos Tachos foi bem documentado, tanto pelos jornais da época como pelo Boletim Salesiano que exultava o “triunfo do cristianismo.

A viagem não ocorreu sem percalços. A morte de três meninos, incluindo Miguel

⁷ Posteriormente Dom Malan era o inspetor das obras salesianas no Mato Grosso. As Inspetorias Salesianas são as unidades administrativas que coordenam as atividades de um conjunto de obras e casas salesianas, e normalmente estão estabelecidas por região.

Magone e seu irmão, provocaram grande consternação e seriam decisivas para a permanência dos Bororo na Missão (ALBISETTI, 1979, p. 17).

Assumindo o protagonismo que era de Miguel Magone, vemos aí o pequeno Giacomo, ou Tiago, com aproximadamente dez anos apresentando palavras de saudação ao Governador do Estado, Manuel Albuquerque Lins. Pelas palavras, expressou a síntese dos ideais salesianos para a apresentação dos indígenas. Ao todo eram 21 jovens, entre 7 e 16 anos e eram regidos pelo também padre salesiano Angelo Sordi.

TIAGO AKIRIO

Akirio Bororo Kejewu, mais tarde seria conhecido como professor Tiago Marques Aipobureu, nasceu por volta de 1898 e seu falecimento em 1958. Era do clã *Bokodori*, metade *Ecerae*. Viveu sessenta anos e é um dos maiores interlocutores da cultura bororo, não apenas entre os missionários. Ele é representado tanto como figura de resistência como exemplo de “assimilação”. Herbert Baldus, em suas pesquisas de campo, encontra-se com Tiago em Meruri quando ele tinha 35 anos e entende que ele não era mais um bororo.

Segundo a Enciclopédia Bororo, Akirio e sua família escaparam de um infanticídio que foi promovido por seus pares na beira do Rio das Mortes e chegam a Colônia Sagrado Coração. De acordo com o Pe. Albisetti entre os primeiros jovens que foram acolhidos em 1902-1903. Outra hipótese é que as investidas do colonizador e as doenças que passaram a atingir o grupo forçaram a migração para próximo dos salesianos.

De volta a expedição da banda, além da Exposição Nacional, no Rio de Janeiro os jovens ainda se apresentaram ao Presidente da República, Afonso Pena. Tiago mais uma vez fez uma saudação que angariou a admiração das autoridades. No retorno a Cuiabá, o jovem foi presenteado por Pe. Malan com uma bolsa de estudos no Liceu Salesiano São Gonçalo. Ele iria compor a turma dos 26 alunos internos regulares da instituição em 1910, um ensino privilegiado para época, no qual se destacava entre os melhores da turma. Depois de adulto, Baldus relata que ele era capaz de tocar flauta sem nenhuma referência ou partitura.

Em 1913, Dom Antonio Malan oferece como prêmio a Tiago uma viagem de

estudos a Europa. Lá ele ficou por dois anos, estudando em Turim, na Itália, além de ter visitado Roma, Paris e outras capitais. Em 1915, com aproximadamente 18 anos, Tiago retorna para as missões e casa-se com uma índia Bororo, o nome dela é Aráre Erúgu, do clã *Iwagudugodoge*, metade *Tugarege*. Recebe dos missionários a função de professor, a tarefa de traduzir uma parte da Bíblia e um livro didático de história do Brasil do português para a língua Bororo.

Herbert Baldus se refere com preocupação a educação ocidental oferecida as crianças e os efeitos dessa percepção epistemológica da diferença estão implícitos nos estudos das culturas ameríndias até meados do século XX. O impacto da ideologia que essencializa os indígenas são tão grandes que ainda na atualidade se expressa algumas vezes em pesquisadores preocupam-se com a “perda” e a necessidade de resgate da cultura.

No apêndice do trabalho de Baldus vemos uma série de fotografias de Tiago Marques e de outros bororo, voltando de caçadas, em casas tradicionais e outras atividades cotidianas. Mas a grande pauta que emerge do estudo de Baldus sobre Tiago é a questão da marginalidade, que anos depois, Florestan Fernandes dedica-se a reanalisar.

Segundo as fontes, após a um momento de desorientação, que se inicia no final da década de 1930 e afastamento da Missão, Akirio retomará a proximidade com os salesianos em 1948. Nesse intervalo, deixou tudo e vai viver com seu povo, praticando a caça, as pescarias, o trabalho no campo. Coqueiro menciona a “Aldeia de Tiago Marques” em suas memórias, para onde iam os bororo quando em períodos de realização de ritual.

Quando Tiago Marques retorna da Europa para a aldeia e se casa nos moldes tradicionais, precisou entrar de modo integral no mundo da cultura tradicional bororo. Isso quer dizer, cumprindo suas tarefas como chefe de família e utilizando-se da rede de relações que a própria cultura forma. Parece haver aí um período de reinserção desse indivíduo no seio da comunidade.

Por ter sido retirado muito jovem do grupo, estudado por muitos anos fora da aldeia, e criado outros hábitos e laços, não apresentava a compleição corporal de um caçador, ao mesmo tempo que não havia estabelecido essa rede de reciprocidade com seus pares. Nos parece que é nesse momento que emerge seu período de conflito.

Os relatos dos autores indicam que Tiago mantinha a família em condições quase miseráveis e que isso motivou a esposa a abandoná-lo e estabelecer um novo casamento.

De certo modo, essa é uma desculpa recorrente para o fim de casamentos entre os bororo e não há dados consistentes nas fontes sobre esse rompimento. Cabe reiterar a matrilinearidade da cultura bororo, em que o clã é herdado pela linhagem da mãe e a responsabilidade da educação cabe aos tios e avós maternos. Isso também flexibiliza o matrimônio, visto que os filhos “pertencem” a família materna. Além disso, já discutimos o olhar etnocêntrico daqueles que olhavam para os interlocutores, na busca por perdas e inconsistências que seriam ideais.

Segundo as informações de Ochoa, ele instalou-se por boa parte da sua vida em uma aldeia chamada *Okwaboareuge Eiari* (Gruta dos Peixes Cascudos) e que era acessada principalmente pelos moradores de Meruri para a realização de rituais que não podiam acontecer na missão. O autor também aponta Tiago como “um dos que mais se interessava e agia pela conservação da cultura do seu povo”.

A relação de Tiago com os salesianos nunca se extinguiu, na década de 1950 muda-se junto com a família para Campo Grande, atual Mato Grosso do Sul, para colaborar na documentação do acervo do Museu Regional Dom Bosco (MRDB), depois Museu Dom Bosco (MDB) e atual Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB). Esse acervo foi construído junto com a compilação que compôs a Enciclopédia Bororo. Em vários documentos.

Akirio é apontando como responsável pela coleta dos materiais do acervo que compõe o mais completo repertório de peças desse povo, com aproximadamente dois mil objetos. Mas, se esse interlocutor foi tão relevante para a construção do repertório de obras etnográficas salesianos, por outro lado, na antropologia carrega outra marca, a de marginalidade.

E ainda assim, não fica evidente nos documentos históricos a participação dos vários outros jovens indígenas interlocutores dos salesianos. Akirio, principalmente, é regularmente citado como “coautor” em diversos escritos dos salesianos, inclusive a Enciclopédia Bororo, mas apesar do recorrente reconhecimento de sua contribuição, persiste a invisibilização desse sujeito na documentação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As nuances dessa trajetória de vida e o protagonismo assumido por Tiago após o período inicial de educação, assumindo o papel de interlocutor ativo da produção sobre esse povo são problemáticas para novas pesquisas. Apesar das evidentes contradições, é importante passar a reconhecer a educação intercultural como um espaço de troca, em que os sujeitos colonizados assumem papel ativo e reelaboram diferenças étnicas, ainda que o contexto seja hierarquicamente desigual para os indígenas.

Esse brevíssimo trabalho de pesquisa comprova a condição de excepcionalidade de Akirio em relação aos demais indígenas bororo com que os salesianos mantiveram contato, mas também chama a atenção para outros, como Miguel Magone. Longe de esgotar a questão, oferecemos algumas reflexões.

Não é possível imaginar que os indígenas não tenham se aproveitado da vocação missionária para o registro e a divulgação de sua etnia, o resultado disso é a Enciclopédia Bororo e muitas outras obras. São formas de permanecer, são formas de perpetuar-se.

REFERÊNCIAS

ALBISSETTI, C, VENTURELLI, A. J. *Enciclopédia Bororo*. V. I. Campo Grande: Editora UCDB, 1962.

BALDUS, Herbert. *Ensaio de Etnologia Brasileira*. Biblioteca Pedagógica Brasileira. Brasileira, vol. 101, São Paulo, Editora nacional, 1979.

CASTRO, Afonso de. *História da missão salesiana de Mato Grosso: 1894-2008*. Campo Grande: UCDB, 2014.

FERNANDES, Florestan. Tiago Marques Aipobureu: um bororo marginal. **Revista Tempo Social**, São Paulo, v. 19, n. 2, nov. de 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702007000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 02 Dez. 2012.

MONTERO, Paula. Antonio Colbacchini e a etnografia salesiana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 22, núm. 64, junho, 2007, pp. 49-63.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. Uma etnologia dos ‘índios misturados’? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In: *Mana*, Rio de Janeiro, 4(1):47-77. 1998. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131998000100003.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: STREIFF-FENART, Jocelyne; POUTIGNAT, Philippe. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998.